

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE A LÍRICA MEDIEVAL GALEGO-PORTUGUESA ¹

JÚLIO VALLE

(Bacharel e Licenciado em Letras - UNICAMP)

I

“Ninguém quer trabalhar. A suprema aspiração do português é... não fazer nada, para o que consome cabedades, esforços de talento, de trabalho e até a própria vida, se fôr preciso.”² Com estas palavras, Mendes dos Remédios condena o abandono em que se encontravam, no início do século, os arquivos relativos à lírica medieval galego-portuguesa. Esta percepção não foi caso isolado. Desde pelo menos metade do século XIX, este relativo descaso com a poesia medieval foi volta e meia assinalado pelos poucos homens de letras que sobre ela se debruçaram. Este quadro ir-se-ia modificar, aos poucos, a partir de 1904, com a publicação da edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda* por Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Para que se faça um exame mais minucioso da fortuna crítica que mereceu a lírica medieval galego-portuguesa, até aproximadamente a década de 40 deste século, é de especial utilidade a consulta de dois livros. O primeiro é o volume II da edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda*, no qual Carolina Michaëlis redige uma elucidativa “Resenha bibliográfica de escritos relativos aos cancioneiros galego-portugueses, publicados no século XIX, 1818 a 1899.” Outro volume útil para esse fim é o *Repertorio bibliografico della prima lirica portoghese*, de Silvio Pellegrini (as publicações constantes desta bibliografia estendem-se até 1938).

É curioso notar, logo de saída, que ambos os autores destas bibliografias comentadas são estrangeiros: Michaëlis, alemã naturalizada portuguesa; Pellegrini, italiano. Este dado torna mais emblemática a consideração que a filóloga alemã faz sobre a fortuna crítica da lírica galego-portuguesa deste período, em que avulta a produção estrangeira sobre o assunto:

¹ Este artigo resulta em parte de uma pesquisa de iniciação científica financiada pela FAPESP e orientada pelo prof. Dr. Alexandre Soares Carneiro.

² *História da Literatura Portuguesa desde as origens até a actualidade*, pág. XXV. F. França Amado Editora, Coimbra, quarta edição, 1914.

“O que de melhor se escreveu a respeito do Cancioneiro é obra de três sábios estrangeiros: o grande hispanista austríaco Fernando Wolf; o fundador da philologia romanica, Frederico Diez; e Milá y Fontanals, o primeiro representante d’ esta sciencia na peninsula.”³

Mendes dos Remédios, sempre mais enfático em suas lamentações, expede o mesmo veredicto, pouco tempo antes da publicação de Michaëlis:

“E não fosse a colaboração dalguns beneméritos estrangeiros e mais pungente seria ainda a vergonha!... É ver.” (cita, então, trabalhos de Ernesto Monaci, H. R. Lang, Carolina Michaëlis e Menéndez y Pelayo a propósito dos cancioneiros).⁴

O exame do livro de Pellegrini não muda fundamentalmente este quadro. Focalizando-se as publicações do século XIX (e mesmo depois), os nomes estrangeiros sobejam (italianos, como Ernesto Monaci; alemães, como H. R. Lang; espanhóis, como Mario Pelaez; brasileiros, como Caetano Lopes de Moura e Francisco Adolfo de Varnhagen). Com o passar dos anos, a crítica em língua portuguesa foi paulatinamente alcançando relevância qualitativa e quantitativa (com os trabalhos de José Joaquim Nunes, Joaquim Leite de Vasconcelos e, sobretudo, Manuel Rodrigues Lapa), mesclando-se à volumosa produção estrangeira.

Este percurso não foi, contudo, liberto de dificuldades. O caso é bem outro, como sugere a divisão dos períodos de estudos feita por Carolina Michaëlis de Vasconcelos em 1904: o primeiro, de 1800 a 1849, compreende o período de transferência do códice do Real Colégio dos Nobres, em Lisboa, para a Biblioteca Real, no paço da Ajuda; o segundo inicia-se com os estudos de Ferdinand Wolf que, “por meio de uma conjectura suggestiva (...) veio a ser o iniciador de um novo período de investigações, muito mais fecundo que o primeiro”; finalmente, com a descoberta em 1875 do mais completo dos Cancioneiros (o Cancioneiro da Biblioteca Nacional), abre-se o terceiro período de investigações, que se estende até 1904, ano da publicação da monumental edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda* por Carolina Michaëlis. Esta divisão é importante por tornar evidente uma dificuldade material que por certo contribuiu para a incipiência dos estudos medievais neste primeiro momento: a tardia descoberta do Cancioneiro da Biblioteca Nacional (CBN), o códice mais rico em informações suplementares (tais como atribuições autorais) e em melhor estado de conservação. As edições anteriores dos Cancioneiros padeceram da falta deste material, além de revelarem a pouca monta de estudos portugueses, como veremos adiante.

³ *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, págs. 23 e 24. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1990.

⁴ *História da Literatura Portuguesa desde as origens até a actualidade*, pág. 11.

A primeira compilação das cantigas galego-portuguesas conhecida, por exemplo, o raríssimo volume de Carlos Stuart publicado em 1823 com o título de *Fragmentos de hum cancionero inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa*, sintetiza as dificuldades que estes pioneiros enfrentaram desde o nível textual. Dela diz Pellegrini: “Prima, difettosíssima e alteratissima edizione diplomatica (sic!) di A. 25 esemplari!”⁵

Mas não são apenas a situação pioneira e os problemas de edição que tornam esta compilação digna de interesse. O fato de seu compilador ser um inglês que exercera, durante muitos anos, atividade diplomática em Portugal, prenuncia o papel relevante que terão os estudiosos estrangeiros na publicação parcial ou total dos cancioneros no século XIX. É só em 1878 que Teófilo Braga publica uma edição crítica do Cancioneiro da Vaticana que, se mantém muito das imperfeições de seus estudos anteriores (como nota Carolina Michaëlis), distingue-se por ser o primeiro trabalho do gênero de origem portuguesa. A relutância da Academia de Ciências de Lisboa em publicar uma edição oficial dos Cancioneiros é, aliás, o assunto de que se ocupa o autor no “Prólogo” desta edição, descrito pela filóloga alemã como um “libello vehemente contra a inercia” desta Instituição⁶. A estudiosa também assinala sua perplexidade em relação a tal procedimento da Academia. É nestes termos que comenta a resolução tomada, em 1849, de copiar-se novamente o manuscrito da Ajuda, ao invés de conceder-lhe, finalmente, uma edição oficial:

“Quando tornaram a reunir a 10 de outubro, alguém teve de confessar tacitamente que a receada iniciativa particular havia, ainda d’esta vez, tomado a dianteira ao primeiro instituto scientifico do pais.”⁷

As outras três compilações de cantigas em língua portuguesa denotam outra curiosidade histórica pelo fato de representarem iniciativa de brasileiros: num primeiro momento, do médico Caetano Lopes de Moura, que em 1847 fez publicar em Paris o *Cancioneiro d’ El Rei D. Diniz*, pela primeira vez impresso; posteriormente, de Francisco Adolfo de Varnhagen, futuro Visconde de Porto Seguro, que publicou em Madrid *Trovas e cantares de um grande cancionero da Bibliotheca do Vaticano*, em 1849, e posteriormente um *Cancioneirinho das Trovas Antigas colligidas de um grande cancionero da Bibliotheca do Vaticano*, impresso em 1870 pela Typografia da Corte, em Viena. Tais edições refletem as dificuldades pelas quais passavam os compiladores frente ao *corpus*

⁵ *Repertorio bibliografico della prima lirica portoghese*, pág.23. Modena, Società Tipografica modenese, 1939.

⁶ *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, pág. 45.

⁷ Idem, pág. 19. A autora refere-se à publicação da compilação feita pelo brasileiro Varnhagen, em 1849.

muitas vezes retalhado que tinham sob os olhos.⁸ O leigo que desejar ter uma idéia dos problemas de estabelecimento de texto enfrentado por estes pioneiros (no mais, gente não especializada) pode consultar a bela edição fac-similada do *Cancioneiro da Ajuda* publicada pelo Instituto Português do Patrimônio Arquitetônico e Arqueológico (IPPAR) em 1994. Tornar-se-á então mais claro que, se tal trabalho era desafio para filólogos, tanto maior seria para um abnegado médico e outro diplomata da corte brasileira... Mas não é este aspecto da dificuldade material o mais saliente neste momento. Sobressai-lhe a pesquisa pouco freqüente dos estudiosos portugueses nestes cerca de cinquenta anos. Afinal, tais dificuldades de acesso e exame, como vimos, não lhes eram exclusivas.

II

Diante deste quadro, nenhuma pergunta parece mais procedente do que: *por quê?* A questão é complexa e não é pretensão deste artigo esgotar o assunto. Por ora, contentemo-nos com algumas hipóteses que, se alguma valia apresentam, é fundamentalmente o fato de buscarem lastro no que diziam os próprios estudiosos da época. Já assinalamos a dificuldade material que, pelo menos até 1875, ano da descoberta do CBN, comprometia o estudo do *corpus* medieval. Há, contudo, um outro aspecto que mencionamos de passagem e que merece, agora, maior atenção: o amadorismo da pesquisa literária e as incertezas metodológicas que, com certeza, colaboraram para a tímida bibliografia que então se formava. Teófilo Braga, em 1871, condenava o atraso em que se encontravam os estudos literários da época em Portugal:

“Todas as nações modernas possuem hoje completo o corpo de sua historia litteraria. Em Portugal ainda se estava na classificação dos escriptos classicos segundo os graus de superioridade estabelecidos pelo Padre Antonio Pereira (...)”⁹

Imbuído do desejo de atualizar a inteligência nacional, Braga imprimiu a seu livro sobre a poesia medieval portuguesa, *Trovadores galécio-portugueses*, o método analítico que considerava o mais apropriado. Tal propósito, aliás, está perfeitamente de acordo com um dos itens da plataforma que fundamentava as conferências democráticas do Cassino Lisbonense, documento de que Braga é

⁸ Os juízos de Pellegrini sobre tais trabalhos denunciam esta situação. Sobre Moura, classifica sua compilação simplesmente como “difettosissima”, e o último trabalho de Varnhagen parece-lhe deixar “muito a desejar”.

⁹ *Trovadores Galécio-Portugueses*, pág. V. Porto, Imprensa Portuguesa, 1871.

um dos doze signatários: “Ligar Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada”:

“Depois que a *ethnographia* e a *linguística* abraçaram os processos *analyticos das Sciencias Naturaes*, a *Historia litteraria* recebeu uma nova luz, procurando em todas as manifestações da *intelligencia* e do *sentimento* aquellas *fórmãs caracterísiticas do genio nacional*. É n' esta direção que está *escripta a História da Litteratura Portugueza*.¹⁰

Por melhores que fossem as intenções do estudioso, contudo, os defeitos de seu trabalho não passaram despercebidos de seus contemporâneos. Antero de Quental, amigo pessoal de Braga, observa que o autor teria aplicado “o molde de Schelegel à literatura portuguesa como se o molde fosse universal (...); todas as manifestações de nacionalidade ficaram subordinadas a um ponto de vista estritamente etnológico. Só a raça era criadora.”¹¹ As ponderações de Carolina Michaëlis ao trabalho de Braga também apontam para a mesma direção, ou seja, assinalam o esquematismo do método e a sobrevalorização da nacionalidade nos estudos críticos.

Uma pequena anedota literária deste período pode enriquecer essa discussão sobre a fragilidade dos métodos críticos que, até a publicação da edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda*, em 1904, vigoravam sobre a literatura medieval portuguesa. Varnhagen publicara, na edição de 1850 das *Trovas e Cantares de um Codice do XIV seculo ou antes mui provavelmente o Livro das Cantigas do Conde de Barcelos*, uma tese no mínimo original. Segundo ele, o *Cancioneiro da Ajuda* seria uma obra caótica do Conde de Barcellos que, pela ordem original das cantigas, declararia seu amor pela rainha D. Maria, filha de Afonso IV. Por isso é que o *Cancioneiro* estaria, em testamento, dedicado ao marido dela, obviamente um leitor secundário... Vinte anos depois, Teófilo Braga comenta a hipótese de Varnhagen em tom mordaz: para ele, era a prova de que o brasileiro “transpôs o limite da crítica e precipitou-se ao romance histórico”. Ofendido, Varnhagen profetiza num folheto denominado *Theophilo Braga e os antigos Romanceiros de Trovadores: Provas para se juntarem ao processo*, publicado em 1872 em Viena, que “tambem elle [Braga] ver-se hia obrigado a rectificar muito erro no decurso da sua carreira litteraria”.¹² Era neste terreno de incertezas que se movimentavam estes estudiosos.

É interessante notar, nesse sentido, como os poucos trabalhos em língua portuguesa publicados na época explicitam insatisfações quanto à bibliografia disponível. Numa linha que vai de Braga (1871) a Moura (1847), podemos

¹⁰ Idem, pág. VI.

¹¹ Citado por J. Dionísio no verbete “Teófilo Braga”, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, pág. 110. Lisboa, Editorial Caminho, 1996.

¹² *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, pág. 33.

arrolar uma série de ponderações que os estudiosos fazem retrospectivamente. Braga, como vimos, tem seu método posto à prova por Antero de Quental e Carolina Michaëlis. O autor, por sua vez, diz que seu trabalho procura atualizar o enfoque sobre o assunto e desmerece a hipótese de Varnhagen. Este último explicita, na notícia crítica do *Cancioneirinho das Trovas Antigas colligidas de um grande cancionero da Bibliotheca do Vaticano*, de 1870, que seu trabalho pretendia suprir “uma lacuna deixada por Lopes de Moura, que teria dado do códice “uma ideia bastante imperfeita”.¹³ No fim da cadeia e tendo pouca gente a criticar, o médico brasileiro investe contra as antologias que omitiam a literatura medieval, iniciando pelo século XV: “Na verdade que nada mais são, do que edifícios sem alicerces, em quanto se não recolherem, e derem á estampa as poesias dos séculos antecedentes (...)” Desta crítica contínua à bibliografia, que curiosamente parte dos estudiosos para voltarem-se contra eles próprios, ficam latentes a discordância quanto ao método crítico ideal para a análise deste *corpus* e a exigüidade do material existente. De todo o modo, sem dúvida, nesta perspectiva de 25 anos, o avanço mais importante é o trabalho de Braga que, mesmo ultrapassado, logrou sistematizar mais rigidamente um método de análise para o *corpus*.¹⁴

Um dado que pode explicar em parte as incertezas metodológicas da época refere-se às condições de produção intelectual de Portugal. Tanto é assim que, já em 1914, o mesmo Mendes dos Remédios menciona o caráter autodidata dos estudos literários portugueses: “o que sucede é que o cultivo das belas-letas, das sciencias históricas, das filosóficas, é apanágio de autodidactas, bem poucos para as necessidades que esses ramos da sciencia em Portugal estão exigindo (...)” O mesmo autor lamenta a falta de uma faculdade de Letras, antes de 1914, na única Universidade do país. Os Cursos Superiores de Letras estavam destinados a preparar os alunos para o magistério, não para a pesquisa. As decorrências deste estado de coisas são desanimadoras:

“Assim, aí estão os nossos arquivos. Sam esfinges. Vivem no pó e no mistério. Quando homens como Teophilo Braga, Sousa Viterbo, Braancamp Freire, Brito Rebello, Joaquim de Vasconcellos, José Caldas, e outros veem á luz de publicidade com o fruto de pacientes investigações, logo nos ufanamos da riqueza dos nossos arquivos, lamentando que eles não tenham mais e dedicados cabouqueiros.”¹⁵

A falta de estrutura capaz de formar pessoal especializado contribuiu, por certo, para a insegurança dos estudos sobre a lírica medieval galego-portuguesa

¹³ *Cancioneirinho...*, pág. 10. Viena, Typographia da Corte, 1870.

¹⁴ Apesar dos defeitos mencionados, Carolina Michaëlis observa que os volumes de Teófilo Braga eram “ricos em boa doutrina historica, apreciações ingenhosas e afirmações estimulantes”, tendo contribuído para o futuro trabalho de estudiosos como Ernesto Monaci, que em 1875 publicaria uma importante edição do *Cancioneiro da Vaticana*.

¹⁵ *História da Literatura Portuguesa desde as origens até a actualidade*, pág. XXIV.

neste primeiro momento. O fato de este *corpus*, especialmente, requerer uma apreciação técnica que só a filologia e a análise textual poderiam embasar tornava ainda mais delicada a situação. Não é à toa, nesse sentido, que a produção crítica em língua estrangeira sobre o assunto tenha se imposto com maior autoridade, como assinala o juízo aqui já comentado de Carolina Michaëlis. Mesmo o caso desta estudiosa, que escreve em português (e melhor do que muito português...), revela que a formação acadêmica que lhe dera a Alemanha, berço da romanística, fora fundamental para o trabalho indispensável que é a sua edição do *Cancioneiro da Ajuda*.

Se esta é a situação da produção intelectual em Portugal da virada do século, os dois estudiosos brasileiros não estão em vantagem: o trabalho com as letras é visto como exercício de amor, gosto pessoal. Assim é, por exemplo, com o Visconde de Varnhagen. O relato de como o estudioso chegou à versão final de seu *Cancioneirinho* impressiona pela perseverança e obriga a uma revisão qualquer crítica a seu trabalho que, injustamente, desconsidere suas condições de produção.

Varnhagen conta, em sua notícia crítica, que teve seu trabalho interrompido por duas vezes, chegando quase a “abandonar a ideia de fazer essa edição”. Tendo encontrado, em 1857, na livraria de um “Grande d’Espanha”, “amigo nosso”¹⁶, um cancionero português manuscrito, resolveu estudar sua procedência por comparação à edição de Lopes de Moura (1857). A esta altura, entretanto, intervieram as obrigações decorrentes da carreira diplomática que, por indicação de D. Pedro I, Varnhagen desempenhava no Brasil. A viagem ao Paraguai, “residência que não era por certo então das mais adaptadas para poder votar às letras nenhum instante de descanso”, interrompe pela primeira vez o projeto de publicar uma edição crítica do *Cancioneiro da Vaticana*. De volta ao Brasil, recebe financiamento de D. Pedro II para finalizar a publicação, mas é novamente interrompido por uma viagem à Venezuela, seguindo determinação do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Algum tempo depois, estando na Europa trabalhando no projeto, recebe a notícia de que outra corporação, “por todos os títulos mais habilitada”, se propunha a levá-lo adiante. Assim, contenta-se apenas em publicar esta “pequena colleção” para “excitar mais a curiosidade do público, para melhor receber a futura edição do mesmo *Cancioneiro*...”¹⁷. É este o longo périplo de 13 anos que Varnhagen percorre antes de publicar sua antologia de cantigas. As letras, vistas como “instante de descanso”, diferem fundamentalmente daquele trabalho que leva Carolina de Michaëlis a escolher, como epígrafe da “Advertência Preliminar” do *Cancioneiro da Ajuda*, uma passagem dos **Lusíadas** que a teria encorajado a

¹⁶ “... nem nos achamos autorizados a declarar quem é o seu possuidor.”

¹⁷ *Cancioneirinho*..., pág. 11.

terminar sua pesquisa extenuante: “Da determinação que tens tomada/ Não voltes por detrás, pois é fraqueza/ Desistir-se da cousa começada.”

O médico baiano Caetano Lopes de Moura também revela condições de produção intelectual adversas para a complexidade do trabalho com o *corpus* medieval.¹⁸ É o que sugere, pelo menos, o exame da sumária bibliografia fornecida por Inocêncio Francisco da Silva, no *Diccionario Bibliographico Portuguez*:

“Depois de servir no exercito portuguez como medico durante a guerra peninsular, estabeleceu a sua residencia em Paris, e ahí se doutorou na faculdade que já d’antes exercitava. Estas são as informações que obtive de pessoa que o tractou de perto, e com quem conviveu por algum tempo.”¹⁹

A bibliografia do autor é extensa e variada, abrangendo desde traduções de Walter Scott até títulos como *Arte de se curar a si mesmo nas doenças venereas, com o receituario correspondente, por Godde de Liancourt* ou, ainda, uma *Historia dos cães celebres, na qual se relatam grande numero de anedoctas recreativas, e extremamente interessantes acerca do instincto d’estes animaes: traduzido do francez de Mr. Freville*. A escassez de tempo e a amplitude dos assuntos sobre os quais trabalhava lograram uma produção irregular, assim justificada por seu contemporâneo Manuel Odorico Mendes:

“O nosso illustre compatriota é riquissimo na linguagem; mas, segundo m’o tem dito muitas vezes, não pôde corrigir os seus escriptos, pela pressa com que trabalhava para acudir ás necessidades da vida. Hoje está elle mais folgado pela pensão que lhe dá do seu bolsinho o sr. D. Pedro II; mas infelizmente, quando a munificencia imperial o allivia, a velhice o alcança, e não lhe permite mais um trabalho assiduo.”²⁰

Além destes aspectos de ordem contextual, um outro componente pode ter contribuído para o lento desabrochar da crítica sobre a lírica galego-portuguesa. Referimo-nos à apreciação estética que estes poemas receberam num primeiro momento. Se por um lado os estudiosos assinalavam a importância de integrar este *corpus* à história da literatura portuguesa, por outro consideravam-no datado e de interesse estético inferior. Num contexto já avesso aos estudos na área, este é mais um dado que provavelmente acirrara o desinteresse pelas cantigas. A idéia de que tais textos eram monótonos e artificiais (sobretudo as

¹⁸ Este aspecto já foi assinalado por Carolina Michaëlis, para quem o brasileiro “de modo algum estava preparado para a difficil empresa” a que se lançara. (*Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, pág. 17)

¹⁹ *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo II, pág. 11. Lisboa, Imprensa Nacional, 1926.

²⁰ *Idem*, pág. 13.

cantigas de amor) pode ser lida desde o estudo introdutório de Moura, em 1847, e sua longevidade atesta-se no empenho de Rodrigues Lapa, quase 100 anos depois, em conferir à “poesia amorosa” uma releitura estética mais favorável. É ao valor literário das cantigas, precisamente, que o médico brasileiro responsabiliza o desinteresse dos estudiosos:

“Assim que, o defeito essencial d’aquelle genero de poesia, e por ventura o verdadeiro motivo por que as dos trovadores jazerão (i.é: jazeram) tanto tempo sepultadas nas trevas do esquecimento, é talvez a propria uniformidade do assumpto, e do modo com que de ordinario o tratarão (...)”²¹

Varnhagen, apesar de deixar “a melhores juizes (...) o aquilatar o tal ou qual merito poetico das composições que escolhemos”, não se furta a, “imitando o nome que lhe dão os Allemães”, conceituar as cantigas de amigo como “poesia artificial”.²² Tal juízo é que o levou, em sua antologia, a reduzir “ao menor número que nos foi possível as monotonas denominadas d’ amigo”.

Teófilo Braga acrescenta um dado novo à apreciação estética deste *corpus*: a impressão de que auferir o valor de tais textos era quase impossível. Para o estudioso, “perdido o canto” as cantigas não mais sobreviveriam como obra de arte, mas como “documento lingüístico”.²³ Este juízo não o impede, contudo, de considerá-las uma expressão da degenerescência da verdadeira nacionalidade portuguesa, visto que representavam a poesia palaciana, depositária do gênio galo-romano que prevaleceria na nobreza. O gênio galo-franco, verdadeira raiz da raça portuguesa, teria tido sua espontânea inclinação épica suplantada pela poesia “aristocrática e subtil” dos trovadores. Tais considerações dão razão ao que dissera Antero de Quental sobre o predomínio da raça nos estudos literários de Braga. Além disso, demonstram que se as cantigas não podem ser condenadas propriamente pela pobreza estética, podem sê-lo, por outro lado, pela sua significação histórica. Esta neutralidade estética está, contudo, mal dissimulada pelos adjetivos com que Braga distingue a poesia lírica da épica. O gênio galo-franco, origem da raça moçárabe e da nacionalidade portuguesa, teria originado uma poesia “energica, aventureira, narrativa”, ao passo que o gênio galo-romano, matriz dos fidalgos portugueses, produziria uma poesia “aristocrática e subtil, vaga pelas allegorias.”²⁴

Carolina Michaëlis divide seu juízo estético em dois: o favorável, para as cantigas de amigo, de uma “graça despretenciosa”, e para as cantigas de

²¹ **Cancioneiro d’El Rei D. Diniz, pela primera vez impresso.** Paris, Aillaud, 1847. Pág. XX.

²² **Cancioneirinho...**, pág. 24.

²³ **Trovadores Galécio-Portuguezes**, pág. 78.

²⁴ *Idem*, págs. 3 e 4.

escárneo e de maldizer, de “colorido vivo e intenso”²⁵; o desfavorável, para as cantigas de amor. Segundo a filóloga, tanto as cantigas de amigo quanto as de escárnio e maldizer refletiriam um caráter popular autêntico do povo português, ao passo que as cantigas de amor seriam de uma “pobreza espantosa”, eivadas por “repetições infinitas, resultantes evidentemente do convencionalismo cortesão e da escolha obrigatória de dicções finas, modestas, comedidas.”²⁶ Ainda assim, tais textos representariam interesse por serem “monumentos nacionais, de importância psicológica.”²⁷ Além do mais, assinala que se o leitor deixar em suspenso não só o conhecimento da “poesia neo-latina, mas também as manifestações líricas antigas e modernas das outras nações cultas” para, ao contrário, entender que a “terminologia e a fraseologia necessariamente restrita que empregam eram necessárias à expressão *moderada* de sentimentos *delicados, honestos, recatados*”²⁸, a leitura dos poemas poderá ser bem proveitosa:

“Se atender a tudo isso, creio que o leitor galego-português ficará agradavelmente surpreendido não só da metrificacão refinada, a tal ponto que assombra, e da pureza da linguagem unitária (que tanto destoam da grotesca barbárie das canções apócrifas e da falta de polidez das prosas coevas), mas também da delicadeza do pensar e sentir de rudes homens de armas e da sua expressão apropriada, ás vezes verdadeiramente poética.”²⁹

A filóloga, como vimos, parece não assentar uma opinião rija sobre o valor estético das cantigas de amor (das quais, por sinal, o *Cancioneiro da Ajuda*, é exclusivamente composto). Ora tratando-as severamente, momentos em que nelas enxerga uma “pobreza espantosa”; ora submetendo seu juízo ao exame das condições de produção, quando se espanta com a “delicadeza do pensar e sentir de rudes homens de armas”, a apreciação estética permanece um entrave nos estudos da lírica. É sentindo esta dificuldade que, a certa altura, Michaëlis considera que “do valor ou desvalor das antigas Trovas hão de ser juizes a Galiza e Portugal.”

Apesar de representar um estágio dos estudos medievais portugueses bem mais adiantado do que o período analisado neste artigo, as considerações de Rodrigues Lapa sobre a avaliação estética das cantigas de amor, em especial, são importantes para mensurarmos a complexidade da questão. É assim que, em 1934, o crítico português propõe uma leitura que vincule a pretensa “monotonia” das cantigas de amor às particularidades do sentimento português.

²⁵ *Cancioneiro da Ajuda*, vol. I, “Explicação Prévia”, pág. X.

²⁶ Idem, pág. VIII.

²⁷ “Advertência Preliminar”, pág. IX.

²⁸ Idem, pág. 10.

²⁹ Idem, vol. II, pág. X.

Desse modo, defende que a repetição seria necessária para comunicar a paixão avassaladora e a sinceridade do amor, próprias do gênio português. Com estas considerações, responde por um lado às críticas que viam nas cantigas de amor exemplos literários pouco fiéis à nacionalidade portuguesa, meras imitações da poesia provençal (Braga, Michaëlis, em alguns momentos) e, por outro, às restrições propriamente textuais feitas a este *corpus*. O tom das formulações de Lapa tem, mesmo, a feição clara de “resposta”:

“Quer dizer isto que vai sendo tempo de considerar os nossos trovadores como artistas, e não ver apenas nas suas cantigas pasto filológico.”³⁰ (comentando a crítica feita por Carolina Michaëlis às cantigas de amor)

O problema da avaliação estética das cantigas era latente. Uma simples consulta às Histórias da Literatura pode dar a dimensão desta dificuldade. Ora são descritas como portadoras de um “vocabulário pobre, rimas comuns, agudas e graves, com predominância destas”³¹, ora representam “uma das mais sublimes criações da literatura poética de todos os séculos.”³² Ainda hoje a questão não é consensual. As abordagens do *corpus* variam desde a semiótica, como fizeram Stephen Reckert e Helder Macedo em *Do Cancioneiro de Amigo*³³, até as proposições advindas da estética da recepção, cujo maior representante na área de estudos medievais é Paul Zumthor. Não espanta, dito isto, que o enfoque dispensado ao exame destes textos -- o que embasa a sua avaliação estética -- tenha sido uma das dificuldades mais perceptíveis nestes primeiros estudos em língua portuguesa, de cuja parcela se ocupa este artigo.

III

Os estudos em vernáculo sobre a lírica galego-portuguesa até 1904, ano da publicação do *Cancioneiro da Ajuda*, são exemplares de uma conjunção de fatores adversos que lhes conferiram problemas conceituais e curta proliferação. Dificuldades de ordem material (problemas de acesso aos códices, edições imperfeitas dos cancioneiros, descoberta tardia do CBN), contextual (atraso relativo de Portugal na área dos estudos literários, desencorajamento à pesquisa, conhecimento não especializado) e textual (divergência entre fontes diversas

³⁰ *Lições de Literatura Portuguesa – Época Medieval*, pág. 121. Coimbra, 1955.

³¹ Tal o parecer de Francisco da Silveira Bueno, na *Literatura Luso- Brasileira*, pág. 14. São Paulo, ed. Saraiva, segunda edição, 1948.

³² Assim manifesta-se Joaquim Ferreira, na *História da Literatura Portuguesa*, pág. 43. Porto, Livraria Simões Lopes, 1939.

³³ *Do Cancioneiro de Amigo*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1996 (terceira edição corrigida e aumentada).

dos mesmos poemas, perda de notação musical - a descoberta do pergaminho Vindel, contendo a pauta de seis cantigas de Martin Codax, é de aproximadamente 1915 -- , desconhecimento de aspectos da construção textual das cantigas) são algumas das razões que explicam este quadro. Tudo isto colabora para tornar mais indispensável a figura de Carolina Michaëlis de Vasconcelos no panorama dos estudos literários da lírica medieval galego-portuguesa: sua edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda*, com cerca de 2000 páginas, abre uma nova perspectiva para estes estudos. Sobre o contraste entre Michaëlis e seus antecessores, o prefaciador da edição de 1990 do *Cancioneiro da Ajuda* (reimpressão da edição de 1904), Ivo Castro, lança uma questão pertinente:

“Como foi possível saber tão pouco?”, perguntamos, quando, na verdade, o motivo de surpresa é outro. A capacidade de D. Carolina para angariar informação fragmentária das mais diversas proveniências e para ver inteiro o dinossauro a partir de três ossos, esse é que é o verdadeiro espanto.”³⁴

Com isto, tanto fazemos justiça à estudiosa que colaborou decisivamente para o desenvolvimento destes estudos como alertamos, por outro lado, para alguns aspectos que tornam procedentes a pergunta de Ivo Castro ao pensar na crítica anterior à publicação do *Cancioneiro da Ajuda*, em 1904: *Como foi possível saber tão pouco?*. Se os apontamentos aqui coligidos ao menos esboçam algumas respostas, este artigo terá cumprido seu objetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Teófilo. (1871). *Trovadores galécio-portugueses*. Porto, Imprensa Portuguesa.
- BUENO, Francisco da Silveira. (1958). *Literatura Luso-Brasileira*. São Paulo, Saraiva.
- Cancioneiro da Ajuda* (edição fac-similada). (1994). Edições Távola Redonda: IPPAR.
- CASTRO, Ivo. (1990). “Prefácio” ao *Cancioneiro da Ajuda*. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- FERREIRA, Joaquim. (1939). *História da Literatura Portuguesa*. Porto, Livraria Simões Lopes.
- LANCIANI, Giulia & TAVANI, Giuseppe (orgs.). (1993). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho.
- LAPA, Manuel Rodrigues. (1955). *Lições de Literatura Portuguesa – Época Medieval*. Coimbra.
- MOURA, Caetano Lopes de. (1847). *Cancioneiro d’El Rey D.Diniz*. Paris, Aillaud.

³⁴ “Prefácio”, pág. “i”.

- PELLEGRINI, Silvio. (1939). *Repertorio bibliografico della prima lirica portoghese*. Modena, Società Tipografica modenese.
- RECKERT, Stephen & MACEDO, Helder. (1996). *Do Cancioneiro de Amigo*. Lisboa, Assírio & Alvim, terceira edição.
- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1926, segunda edição.
- REMÉDIOS, Mendes dos. *História da Literatura Portuguesa desde as origens até a actualidade*. Coimbra, F. França Amado Editora, 1914, quarta edição.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. (1870). *Cancioneirinho das Trovas Antigas colligidas de um grande cancionero da Bibliotheca do Vaticano*. Viena, Typographia da Corte.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. (1990). *Cancioneiro da Ajuda* (2 vols.). Imprensa Nacional Casa da Moeda.